

# A AFIRMAÇÃO NACIONAL DA UCRÂNIA COMO SINAL DE UM PAN-ESLAVISMO NÃO RUSSO

*THE NATIONAL ASSERTION OF UKRAINE AS SIGN TO A PAN-SLAVISM WITHOUT RUSSIA*

*Eduardo Pauliki Solek Ferreira*<sup>1</sup>  
UEPG/PR

*João Irineu de Resende Miranda*<sup>2</sup>  
UEPG/PR

## **Resumo**

Esta pesquisa examina brevemente a trajetória do pan-eslavismo desde sua gênese literária até transformar-se em ideologia política. O objetivo geral é demonstrar ser inadequado lhe entender como fundamento teórico às aspirações de uma hegemonia moscovita acima dos demais eslavos. Para tanto, além de percorrer as diferenças do movimento em relação à política externa russa, a maior parte do texto debruça-se na afirmação nacional da Ucrânia. O método utilizado foi o histórico-sociológico, partindo-se de fontes primárias. Predominantemente obras literárias, revisão bibliográfica e textos internacionais. O resultado consistiu na revelação da inaplicabilidade do pan-eslavismo como movimento exclusivamente pro-russo, sendo o caso ucraniano uma amostra de seu caráter multinacional e multicultural.

## **Palavras-chaves**

Pan-eslavismo. Romantismo. Autodeterminação.

## **Abstract**

*This search briefly examines the Pan-Slavism trajectory since its literary genesis until become in political ideology. The general objective is showing to be inappropriate understanding it as a theoretical basis to aspirations of a Muscovite hegemony above the other Slavs. For this purpose, besides following the differences between this movement and Russian foreign policy, the most part of text focuses on the national assertion of Ukraine. The used method was the historic-sociologic, starting from primary sources. Predominating literary books, bibliographic review and international texts. The result consisted in the revelation of the Pan-Slavism inapplicability as a pro-Russian exclusively movement, being the Ukrainian case a sample of its multinational and multicultural character.*

## **Keywords**

*Pan-Slavism. Romanticism. Self-determination.*

---

<sup>1</sup> Graduando em Direito pela UEPG.

<sup>2</sup> Doutor pela USP e Professor da UEPG

## INTRODUÇÃO

Quando o estudante atinge o tema da 1ª Guerra Mundial no desenrolar do ensino básico, ora na disciplina de história ora na disciplina de geografia política, é expectável que ouça de seu docente que dentre as razões para a conflagração do evento, assumiu grau de importância o entrelaçamento de correntes ufanistas no mapa europeu<sup>3</sup>. Caso por exemplo do revanchismo francês e da coalizão Áustria-Alemanha. Quanto a Europa Oriental, vinha um vocábulo segregado por hífen. O pan-eslavismo.

Sem adentrar no aspecto etimológico tampouco na conjuntura pré-queda do Império Romano, a síntese para o vestibular expõe a ideia de que os russos deveriam liderar e proteger os que compartilhavam do mesmo sangue. Pragmaticamente, fixavam-lhe na qualidade de estratégia em favor do domínio czarista<sup>4</sup>. Com o tempo tende a permanecer na mente do estudante uma única palavra: Rússia. É compreensível seu enxugamento para fazer o candidato ser aprovado. Ocorre que isso implica em duas situações: Desconhecimento do pan-eslavismo original (1815-1850)<sup>5</sup> e a consagração das demandas russas no Congresso de Moscou (1867).

Num quebra-cabeça bibliográfico e documental, este artigo possui como objetivo geral o entendimento da qualidade multicultural do movimento pan-eslavo a partir do caso ucraniano. Utilizando-se do método de interpretação histórico-sociológico, foi levantado o seguinte problema: De que forma as Revoluções Laranja e *Maidan* abrem margem para uma

---

<sup>3</sup> “In a larger sense, the war was a result of power politics, a game that European states had played throughout history.” MAGOCSI, P. R. *A History of Ukraine: The Land and Its Peoples*. 2ed. Toronto: University of Toronto Press, 2010. p. 491.

<sup>4</sup> “A maior parte do trabalho de nossa razão é a análise de conceitos já formados a respeito dos objetos; isso é o que nos livra de todo e qualquer medo e precaução na construção de nossa obra e também nos ludibria pela aparente solidez” KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de L. A. C. Anselmi e F. Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 17.

<sup>5</sup> “The principles which governed the Pan-Slav movement in its first or Western stage from 1815 to 1850 were the very opposite principles of nationalism and liberalism. The influence which awakened the educated classes among the Slav peoples, including the Russians, to national consciousness in the first half of the nineteenth century did not emanate from Moscow or St.Peterburg, but from the French Revolution, romantic poetry, and the German idealist philosophy”. KOHN, H. *Pan-slavism: its history and ideology*. New York: Vintage Books, 1960. p. 14.

leitura multiculturalista<sup>6</sup> do pan-eslavismo? Duas hipóteses serão testadas: 1) Denunciando a hegemonia regional (Rússia) como não porta-voz do interesse dos demais povos eslavos; e 2) Ilustrando que para parcela expressiva dos eslavos, uma aproximação com o Ocidente atende melhor o ideário pan-eslavo. Essencial para a testagem são os objetivos específicos do trabalho, que, em primeiro plano, será diferenciar o movimento pan-eslavo da política externa russa. Em segundo plano, evidenciar a perseguição da Ucrânia pela autodeterminação<sup>7</sup>, principalmente nos movimentos populares de maior relevo de sua trajetória contemporânea.<sup>8</sup>

## I. PAN-ESLAVISMO, POLÍTICA EXTERNA RUSSA E SUAS ASSIMETRIAS

Diferentemente do que se possa imaginar, o ideal eslavo não emergiu de atores da estadística. Foi no campo literário sua concepção. Kohn (1960, p. 3) considera atribuível a paternidade a dois eslovacos. Jan Kollár e Pavel Josef Safarik. O mestre e o discípulo, respectivamente. Inspirados por uma unidade fictícia, ninguém estaria acima de ninguém, já que a isonomia fora importada da Revolução Francesa<sup>9</sup>. Somaram-lhe o humanitarismo, facilitado pela admiração de Kóllar ao alemão Herder. A exaltação de um sentimento nacional tão alimentado pelo romantismo, movimento que prestigiou o popular em detrimento do clássico<sup>10</sup>, acabara

---

<sup>6</sup> Entenda-se “leitura multiculturalista” como a possibilidade de conhecer o pan-eslavismo longe da ótica russa, ou seja, a partir de outras nações ou culturas eslavas.

<sup>7</sup> Em inglês “*self-determination*”. No decorrer deste trabalho apresentam-se suas duas principais derivações. A autodeterminação dos povos e a autodeterminação nacional.

<sup>8</sup> Os que estouraram no século XXI, quais sejam: A Revolução Laranja e a *Euromaidan*.

<sup>9</sup> “It is not by accident that the French Revolution is regarded as the introducer of a new epoch in the history of mankind. The effects of the French Revolution have immensely influenced the course of history. (...) Those great revolutionary ideas did not stop at the borders of France, but soon spread all over Europe, causing a great stir among nations. (...) The Slavic groups are among the first ones affected by those revolutionary ideals.” (p. 5) KOSTYA, S. A. *Pan-Slavism*. [J.J]: Danubian Press, 1981. p. 5.

<sup>10</sup> “...um movimento de retorno à ‘alma’ do povo, às suas fontes de criação, de onde proviria efetivamente a beleza autêntica e a grande arte significativa, suscita a pesquisa que

respingando no imaginário de homens do leste, dentre eles o escritor ucraniano Taras Shevchenko<sup>11</sup>.

Romanticism, which came to be the dominant literary paradigm in Ukraine beginning from the late 1820s, especially in poetic and prose works of writers associated with Kharkiv University in Sloboda Ukraine, helped to shape a modern Ukrainian national movement. (BILENKY, 2012, p. 270).

Conquanto tendências messiânicas<sup>12</sup> tenham se manifestado na Polônia e Rússia, o ambiente plural foi o aspecto de maior proeminência na primeira fase do pan-eslavismo (1815-1850). Acima de tudo, havia pouco interesse em objetivos políticos. A motivação estava numa solidariedade literária e cultural entre a prole eslava. Em 1848 viera sua grande solenidade: O Congresso de Praga<sup>13</sup>.

Kohn aponta também dois outros estágios da corrente. É a partir do segundo (1850-1905) que intelectuais russos começam a enxergar uma oportunidade por de trás da comunhão. O fim de realçar uma *hegemons* de seu país frente aos de menor dimensão territorial. Isso é apresentado no Congresso de Moscou (1857). A unificação da fé, alfabeto e idioma sob a Igreja Ortodoxa, alfabeto Cirílico e língua russa. O terceiro estágio que é abordado pelo historiador é o do pan-eslavismo e as guerras mundiais (1905-1950). Percebe-se uma constância no desdenho russo com os

---

acabou constituindo as bases da ciência do folclore.” p. 267 GUINSBURG, J *et al.* O Romantismo. 4ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

<sup>11</sup> “An implacable enemy of tsarist autocracy, he called for Ukrainian self-determination long before his more cautious colleagues espoused the idea.” SUBTELNY, O. *Ukraine a History*. 4<sup>ed.</sup> Toronto: Univeristy of Toronto Press, 2009. p. 234-235.

<sup>12</sup> “In their attitude the Polish messianists resembled most closely the Russian Slavophiles of the same period. Men of great gifts and high purpose, they burned with a similar religious fervor put into the service of nationalist exaltation. They read into history a universal mission mystically and gloriously centered I their own nationality”. KOHN, *op. cit.*, p. 30-31.

<sup>13</sup> “The slowly maturing harvest of the seeds sown by the French Revolution and by German philosophy and scholarship among the Slavs ripened quickly in the stormy spring in 1848” *Ibid.* p. 69 “After the model of Frankfurt, he proposed to call a Pan-Slav congress to Prague, then the cultural capital of the Slav world” *Ibid.*, p. 81.

adjacentes, tanto no czarismo em decadência quanto no regime soviético que encontrou óbices no não-alinhamento<sup>14</sup> da Iugoslávia.

No que tange à política externa russa, é preciso considerar o substantivo sem seu gentílico. Antônima e complementar à doméstica, é tradicionalmente pensada sob o ângulo da elite burocrática a fim de atender os interesses nacionais. Ainda que Jackson e Sorensen (2018, p. 353) descrevam certas características num contexto pretérito, decerto a formulação menos suscetível ao parecer popular e mais nas mãos de diplomatas permanece. Isso não significa que seus agentes tenham total autonomia na formulação da *foreign policy*, tendo em vista a forte intervenção das convicções presidenciais<sup>15</sup>.

O pan-eslavismo e a política externa russa são incompatíveis entre si. Suas orientações estão em sentidos opostos. Numa ilustração poética, colabora um excerto de *The Heretic* de Shevchenko (1845, p. 2).

“A miracle! — The corpses rose  
And opened up their eyes;  
Te brothers at each other gazed  
And fondly recognised,  
Clasped hands in love, and warmly  
vowed Forever friends to be!  
And all the Slavic rivers  
flowed Into a common sea!”

A irmandade eslava, semelhantemente ao que posteriormente pugnaria a tese liberal das Relações Internacionais<sup>16</sup>, está calcada na

---

<sup>14</sup> Durante a guerra fria este conceito abarcava duas acepções. Uma delas era a dos países meridionais que clamavam pela priorização de pautas socioeconômicas justas e repúdio à corrida armamentista na agenda internacional (Vide LAFER, 1999, p.97). Porém, a segunda, que justamente está sendo aludida neste trecho do artigo se trata dos países que tinham o mesmo modelo político e econômico de um dos polos EUA-URSS, mas não projetavam-se como parte deles. Assim foi o casamento da Iugoslávia na Era Tito (KOHN, 1960, p. 328).

<sup>15</sup> LAZZARI, T.C. A política externa russa do início do século XXI: tendências e perspectivas. Revista Conjuntura Austral, v. 2, n. 3-4, dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/issue/view/4521>. Acesso em: 22 fev. 2022. p. 59.

<sup>16</sup> Contrastante à tese realista, o liberalismo nas Relações Internacionais sustenta uma visão positiva do ser humano e a crença do poder da cooperação prevalecendo sobre a

horizontalidade. Por outro lado, no que tange à visão russa, embora se discuta a existência de três linhas<sup>17</sup> norteadoras em periódicos recentes, não se deve negligenciar sua peculiar abordagem de Grande Potência. Merry (2015, p. 29) aponta-lhe como supedâneos a *derzhavnost* e a busca pela suserania regional<sup>18</sup>.

A central feature of Russian Great Power policy is **derzhavnost**, a term with no clear equivalent in Anglo-American political vocabulary. It is somewhat akin to French étatism, but a much stronger manifestation of the concept. Derzhavnost is the belief in the **primacy and greatness of the Russian state raised almost to a secular religion**. (...) Derzhavnost carries with it important assumptions in international relations. **It rejects the notion that all member states of the United Nations enjoy equally sovereignty**. grifo nosso

Quanto à aspiração pela suserania regional, diversas são as denúncias. Pontuava o escritor Havlíček (1846, p. 8)<sup>19</sup> suas desilusões com o próprio pan-eslavismo quando esteve pela Rússia. Suas declarações de amizade escondiam o desejo de domínio pelos vizinhos, utilizando-se de um cinismo em dizer e escrever eslavo para todo lugar, para que eventualmente tivessem condições de suprimi-lo e impor o russo novamente. Bakunin<sup>20</sup> durante o 17º Aniversário do Levante Polonês não só reconheceu como também reprovou as atrocidades cometidas por São Petersburgo, mas

---

competição. John Locke, Immanuel Kant e Jeremy Bentham são apontados como semeadores da corrente, antes mesmo do advento das Relações Internacionais em estatura de disciplina acadêmica própria. Vide a obra de Jackson e Sorensen.

<sup>17</sup> Ocidentalismo, estatismo e civilizacionismo. Vide LAZZARI, *op. cit.*, p. 60.

<sup>18</sup> Tal aspiração na fase contemporânea se manifesta pelo uso da expressão esferas de influência. Conforme ALMEIDA (2018, p. 103) “O conflito travado contra a Geórgia, que também foi justificado pelo argumento de defesa de ‘*areas of privileged interests*’, quando somado a outras demonstrações de força sobre seus vizinhos territoriais – como as situações em que a Rússia cortou o fornecimento de energia para seus compradores no espaço pós-soviético –, constituem um quadro geopolítico que explicita a busca russa pelo domínio dessas esferas de influência.”

<sup>19</sup> Na lista de referências consta seu outro sobrenome (Borovský),

<sup>20</sup> Kohn lhe aponta como o único revolucionário no Congresso de Praga. *op. cit.*, p. 90.

procurando persuadir a audiência para que separasse o governo real de seus súditos (1847, p. 2-4). Ademais, em *Appeal to The Slavs* chegou até mesmo pugnar pela dissolução do Império Russo que definia como último domínio privado do Maquiavelismo (1848, p. 3). Kissinger (1994, p. 434) nota que a suserania não era exclusividade do regime czarista quando Josef Stalin insistia em consolidar suas esferas de influência, tendo obstruído duramente a demanda por eleições livres no leste da Europa. As guerras travadas para neutralizar as insurgências polonesa (1919-1921) e húngara (1956) são alguns exemplos do que o Kremlin estava disposto a fazer para reduzir e manter os vizinhos à vassalagem. Ante o exposto, a política externa russa move-se a partir de uma leitura vertical do mundo, o que Merry (2015, p. 30), sobretudo no que tange ao exercício da *derzhavnost*, reputa por problemática em razão de estar em descompasso com as normas do Direito Internacional atinentes à soberania dos Estados.

## II. RASTROS DA AFIRMAÇÃO NACIONAL E A DENÚNCIA DE APPLEBAUM

Longe de esgotar e abranger todas as manifestações da assertividade ucraniana, e considerando que o enfoque deste trabalho reside nos acontecimentos do tempo hodierno, se faz útil situar o leitor que o sonho e seu inibidor não são inéditos. O romantismo também seduziu acadêmicos das Universidades de Kharkiv e Kiev nas décadas preambulares do século XIX. Prestes a eclodir a primavera dos povos (1848), um grupo levava adiante as glosas da *intelligentsia*<sup>21</sup>. Com um elenco requintado, a *Brotherhood of Saints Cyril and Methodius* (1845-1847) equalizou o despertar nacional com a causa geral eslava ao pugnar por uma federação entre

---

<sup>21</sup> “One cannot fully appreciate the evolution and dissemination of the new ideas that appeared in Ukraine, as in all of Europe, in the 19th century without taking into account the emergence of the new category of people that produced them. In Eastern Europe these “new people” were called the intelligentsia, a term only roughly equivalent to the West European “Intellectual”. SUBTELNY, *op. cit.*, p. 223.

Estados livres e iguais (SUBTELNY, 2009, p. 236). Estavam Kostomarov, Bilozersky e Hulak<sup>22</sup> inspirados pela *foedus pacifum*<sup>23</sup> de Kant?

Sendo a Ucrânia naquele momento um país majoritariamente campestre<sup>24</sup>, a *intelligentsia* começou a prestar atenção na vida do campo<sup>25</sup>. Os 4 elementos que abasteceriam a identidade nacional (história, folclore, língua e literatura) estavam presentes no campesinato (SUBTELNY, 2009, p. 225). O engatinhar do tempo mostraria a relevância desta categoria para o despertar nacional. Servos do véu czarista, faltava-lhes uma bússola teórica. Entregue essa pela *intelligentsia*, restou-lhes o papel mais doloroso. Sofrer na pele a luta pela afirmação nacional. Exemplificam os acontecimentos da 1ª Guerra Mundial, do choque entre as Revoluções Russa e Ucrainiana (1917-1920), e o holodomor (1929-1933)<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup>“The brotherhood consisted of only about a dozen core members and perhaps several dozen sympathizers. Led by Mykola Kostomarov (the talented historian and university lecturer), Vasyl Bilozersky (a teacher of gentry background), and Mykola Hulak (a minor but well educated bureaucrat), the group consisted of young members of the Ukrainian intelligentsia. Although two other intellectuals - the secondary schoolteacher and writer Panteleimon Kulish and the already well-known poet Taras Shevchenko - were only loosely associated with the brotherhood, they too were arrested.” *Ibid.*, p. 236.

<sup>23</sup> Está é uma provocação para eventuais pesquisas. Segundo o prussiano, a *foedus pacifum* consistiria num pacto entre os povos para o término definitivo de todas as guerras. Vide página 76 da versão traduzida pelo Instituto Galego da obra Ensaio sobre a Paz Perpétua.

<sup>24</sup> “Ukrainians were largely a peasant people, one of their most appealing features was a rich, vibrant folklore” SUBTELNY, *op. cit.*, p. 228; “And, inasmuch as the overwhelming majority of the people consisted of the peasantry, there was an excessive preponderance of peasant themes in this period.” CYZEVSKYJ, D. A History of Ukrainian Literature. 2 ed. Englewood: Ukrainian Academic Press, 1997. p. 581.

<sup>25</sup> “Observing everyday life in the village, members of the intelligentsia not only saw colorful customs, but also came face to face with the merciless exploitation of the peasantry. Initially they were too absorbed by their idealistic search for universal truths and uniquely Ukrainian characteristics to draw broader conclusions about the socioeconomic plight of the peasantry. However, eventually some of them concluded that they could no longer simply observe the hapless peasants but that something had to be done to help them” SUBTELNY, *op. cit.*, p. 229.

<sup>26</sup> “The destruction of the Ukrainian intelligentsia in the 1930s has come to be viewed as similar in nature to the destruction of the Ukrainian peasantry in the man-made famine of 1932-33 in which seven million peasants were said to have perished.” CYZEVSKYJ, *op. cit.*, p. 771; “En Ukraine soviétique, les années de 1920 sont marquées par une politique d’ukrainisation destinée, entre autres, à faciliter l’adhésion des Ukrainiens au communisme.

Referidos de *kulaks*<sup>27</sup> pelas autoridades russo-soviético, fica fácil entender um dos fatores dos bolcheviques não obterem êxito imediato na neutralização da Revolução Ucraniana. As particularidades aduzidas por seguidores de Iurii Lapchynsky<sup>28</sup> evidentemente iam ao encontro do que Aarão registra em sua obra<sup>29</sup>. Como um partido praticamente sem representatividade no campo de seu próprio país poderia persuadir o campesinato ucraniano?<sup>30</sup> O meio foi o uso da força. Isso põe em xeque a menção do líder bolchevique em diversos livros que abordem o tema da *self-determination of peoples*. O casuísmo de Lênin é denunciado pela escritora Applebaum (2017, p. 27).

Lenin also argued for cultural autonomy and national self-determination, except when it didn't suit him. Even before the revolution, he disapproved of non-Russian language schools, wheter Yiddish or Ukrainian, on the grounds that they would create unhelpful divisions within the working class. Although he theoretically favoured granting the right of secession to the non-Russian regions of the Russian empire,

---

Mais la collectivization force de l'agriculture, à partir de 1929, provoque une famine, aggravée délibérément par Staline qui fait plusieurs millions de morts em 1933" GOUJON, A. L'Ukraine de l'indépendance à la guerre. [S.]: Le Cavalier Bleu Editions, 2021. p. 54.

<sup>27</sup> "Those who resisted the delivery of grain" DORNIK, W. *et al.* The Emergence of Ukraine: self-determination, occupation, and war in Ukraine, 1917 – 1922. Toronto: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2015. ; "they were opposed to collectivization, they were branded by the Soviet regime "enemies of the people" and presented throughout the 1920s in government propaganda as wealthy land-grabbing exploiters of their fellow villagers." MAGOCSI, *op. cit.*, p. 594.

<sup>28</sup> Até mesmo os bolcheviques ucranianos se incomodavam com a imposição de formas pré-fabricadas de vida oriundas da Rússia. Vide SUBTELNY, *op. cit.*, p. 375.

<sup>29</sup> "No topo do poder, os bolcheviques reivindicavam o socialismo marxista, um projeto de modernidade hostil à utopia vitoriosa nos campos, onde eles **não tinham quase nenhuma representatividade**. Apoiavam-se socialmente num proletariado industrial que se encontrava desintegrado e em cidades esvaziadas de população, onde rondava o espectro da fome. Tinham justificado sua ação em nome de uma revolução internacional que não ocorreria." grifo nosso. REIS FILHO, D.A. As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 74.

<sup>30</sup>"Among the Ukrainians - and especially among the Ukrainian peasantry - Bolshevism had very few adherent" (p. 120) RESHETAR JR. J. S. The Ukrainian Revolution in Retrospect. Canadian Slavonic Papers, v. 10, n. 2, --. 1968.

which included Georgia, Armenia and the Central Asian states, he seems not to have seriously believed it would ever happen. Besides, recognition of the 'right' of secession didn't mean that Lenin supported secession itself. In the case of Ukraine, he approved of Ukrainian nationalism when it opposed the tsar or the Provisional Government in 1917, and disapproved of it when he thought it threatened the unity of the Russian and Ukrainian proletariat.

### **III. AS REVOLUÇÕES LARANJA E MAIDAN À LUZ DA SELF-DETERMINATION**

#### **a) A REVOLUÇÃO LARANJA**

Mesmo sufocada em tempos pretéritos (Subtelny, 2009, p. 5), a Ucrânia entrou no século XXI como um Estado soberano e ancorado numa novíssima ordem constitucional<sup>31</sup>. Isso foi viabilizado pelas movimentações durante a década de 90 (Dragneva; Wolczuk, 2015, p. 10-11), sobretudo com o reconhecimento de sua integridade territorial, declaração de independência em relação ao corpo soviético (RADA, 1991) e a dissolução desse. Não se falando mais explicitamente de pan-eslavismo, as nações que renasciam no leste europeu ainda temiam algo de forte tendência: a aspiração da Rússia como hegemonia regional<sup>32</sup>. Isso refletiu na Ucrânia, por exemplo, com a insistência em lhe fazerem renunciar de sua herança

---

<sup>31</sup> Libertando-se da deontologia da carta da República Socialista Soviética Ucraniana, o documento magno da Ucrânia que se retirava dos escombros soviéticos em 28 e junho de 2000 completava seu quarto ano de vigência.

<sup>32</sup> MERRY (2015, p. 30) ao avaliar o comportamento russo para com os vizinhos de presunção à primazia de seus interesses ao invés da colaboração mútua, acaba inclusive afastando a própria hipótese de hegemonia regional. Para o diplomata, trata-se de veras de uma busca por suserania.

dissuasiva<sup>33</sup> e a ser governada sob um presidencialismo patronal facilitador do estreitamento de laços com Moscou<sup>34</sup>.

Merece atenção o ano de 2004. Este foi um divisor de águas no destino de muitos países europeus. Indiscutivelmente alarmante para a cartografia russa no que tange às esferas de influência, já que muitos de seus antigos satélites<sup>35</sup> estavam ratificando o Tratado de Atenas<sup>36</sup>. Com o maior alargamento desde seu advento, a União Europeia afetou a nostalgia russa de um eventual redesenho imperial. Não obstante, nada ressoou com tamanha intensidade quanto a segunda Revolução Colorida que vibrou nas eleições da Ucrânia.

A Revolução Laranja<sup>37</sup> é apresentada por Ortega (2009, p. 10-12) como um dos desdobramentos das ondas democráticas da década anterior. O impulso oficial parece ter sido dado no último estágio da URSS por meio do programa reformista de Gorbachev, essencialmente num de

---

<sup>33</sup> Por meio do programa *Nunn-Lugar Cooperative Threat Reduction Program* (1991), os Estados Unidos da América e a Federação Russa trabalharam no “convencimento” das outras ex-repúblicas soviéticas para abrirem mão de suas respectivas armas nucleares. A Ucrânia, que chegou a ser a 3ª maior potência nuclear, veio a ingressar no regime de não-proliferação através do Memorando de Budapeste (1994). O documento consta na coleção de tratados das Nações Unidas. Disponível em <https://treaties.un.org/Pages/showDetails.aspx?objid=0800000280401fbb>.

<sup>34</sup> ORTEGA, F. A. Cores da mudança? As revoluções coloridas e seus reflexos em política externa. 2009. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. p. 9.

<sup>35</sup> WILSON, A. Ukraine crisis: What it means for the West? Lodon: Yale University Press, 2014. p. 4.

<sup>36</sup> Celebrado em 16 de abril de 2003, este foi o instrumento de adesão de Eslováquia, Eslovênia, Hungria, Polônia, Repúblicas Bálticas (Estônia, Letônia e Lituânia) e República Tcheca ao bloco europeu. Dois países insulares também ostentaram o bilhete de entrada (Chipre e Malta). A íntegra do documento está disponível em <https://eur-lex.europa.eu/homepage.html?locale=en>.

<sup>37</sup> “...Orange Revolution in Ukraine, which brought Viktor Yushchenko to power in a regime that openly sought to be fully independent of Russia.” WOOD, E. A.; POMERANZ, W. E.; MERRY, E. W.; TRUDOLYUBOV. Roots of Russia’s War in Ukraine. Washington D.C: Woodrow Wilson Center Press; New York: Columbia University Press, 2015. p. 8.

seus eixos: A *Glasnost*<sup>38</sup>. Situada a origem, o pleito de 2004 foi marcado pela polarização da sociedade ucraniana<sup>39</sup> entre uma agenda pró-ocidental sob a liderança de Viktor Yushchenko<sup>40</sup>, e outra pró-russa sob a liderança Viktor Yanukovich<sup>41</sup>.

Cativando principalmente a população das regiões oeste e central, a política externa defendida pela coligação *Our Ukraine* estava pautada na inserção da Ucrânia nas organizações euro-atlânticas, basicamente União Europeia e OTAN. Por outro lado, o Partido das Regiões, que possuía maior expressividade nas regiões leste e sul, preferia preservar a dependência do país com a Federação Russa.

O assassinato de Georgiy Gongadze<sup>42</sup>, o envenenamento de Yushenko<sup>43</sup>, as trapaças eleitorais<sup>44</sup>, a migração de parlamentares governistas

---

<sup>38</sup> “Evidenciava a perspectiva de submeter a administração pública ao controle da sociedade, o que suscitou expectativas de democratização do Estado.” REIS FILHO, *op. cit.*, p. 138.

<sup>39</sup> “...uma análise da distribuição regional de votos na Ucrânia mostra um país dividido também geograficamente. Nas regiões leste e sul do país, Yanukovich teve vitória esmagadora. O oposto ocorreu nas regiões central e oeste, que deram vitória incontestável a Yushchenko (...)A distribuição regional dos votos corresponde também à divisão lingüística da população. No leste e sul do país, o russo é a língua predominante para a maioria da população. No centro e no oeste, ao contrário, o ucraniano é a língua mais utilizada.” ORTEGA, *op. cit.*, p. 9.

<sup>40</sup> Também tendo sido primeiro-ministro na gestão Kuchma, Yushenko rompeu com o governo e tornou-se a principal voz da oposição. Sofreu envenenamento por dioxina durante a campanha, fato que lhe trouxe grave dano no rosto. Sua cónjuge, Katerina Yushchenko, obteve formação nos EUA e lá labutou em favor de dois governos republicanos.

<sup>41</sup> O ex-governador de Donetsk era o principal quadro do Partido das Regiões. Yanukovich é personagem chave no contexto dos dois maiores movimentos populares da história da Ucrânia contemporânea, porém do lado avesso. Em 2004 foi manchado com a fraude eleitoral. Quase uma década mais tarde, a mancha seria o recuo em não assinar o Tratado de Livre Comércio com a União Europeia.

<sup>42</sup> Caso Kuchmagate. Vide ORTEGA, *op. cit.*, p. 63.

<sup>43</sup> O episódio é retratado no documentário ORANGE REVOLUTION. Direção Steve York. Produção Peter Ackerman; Miriam A. Zimmerman; Steve York. [S.I], 2010. 1 vídeo (92min). Disponível em: <https://www.nonviolent-conflict.org/orange-revolution-english/>. Acesso em: 27 fev. 2022. 13min 31s.

<sup>44</sup> “The south-eastern election returns themselves are a result of documented coercion, intimidation, and covert operations. If Region’s politicians really have as much support as

para a oposição<sup>45</sup> e o forte engajamento popular<sup>46</sup> são elementos que ajudam a entender o contexto da época. Com um primeiro turno apertado, as trapanças foram ampliadas não só antes bem como durante o escrutínio do segundo. O corolário imediato foi o anúncio da vitória do sucessor político de Kuchma pela Comissão Eleitoral. Em seguida, denúncias de fraude acabam vindo à tona, com destaque em diversos colégios do leste. O monitoramento foi maximizado com a colaboração de organismos internacionais, dentre eles a OSCE<sup>47</sup>.

É neste trajeto do artigo que o parênteses é dado para a vinda de um sagrado princípio do direito das gentes: A *self-determination*. Retomando a relevância das insurgências Americana e Francesa do século XIX para o desenvolvimento do conceito, elucida Raic (2002, p. 175) que

The idea that the people are the source of all legitimate governmental power and that therefore,

---

indicated in those returns, it is odd that they repeatedly resort to criminal methods to produce votes. If they had genuine support, their agents would not have threatened students with expulsion for not voting as ordered, given known Yushchenko supporters pens with disappearing ink to use when voting, or included the dead in voters lists (Velychenko, 2004–2005).” VELYCHENKO, S. *Ukraine, the EU and Russia: History, Culture and International Relations*. Miami: Palgrave Macmillan, 2007. p. 16.

<sup>45</sup> “A debandada dos apoiadores de Kuchma teve novo impulso (...). Um grande número de parlamentares, durante a campanha presidencial, abandonou o suporte ao governo e passou para a oposição” ORTEGA, *op. cit.*, p. 64.

<sup>46</sup> “The crowds on Maidan expanded daily until they exceeded one million in a photogenic sea of orange in the midst of the freezing winter. Demonstrators occupied the streets and squares in central Kyiv. Tens of thousands of people flooded in from the provinces, mainly from the west. The revolutionary fervor caught on, but so did order. The spontaneous discipline was striking. No drinking or rowdy behavior was allowed, as the revolutionaries were afraid of provocations, as had happened on March 9, 2001. People organized themselves. Almost all wore something orange, an armband, a lapel, a scarf, a hat, or a vest. The slogans were few and simple: “Yushchenko is our president,” “Freedom,” and “East and West together.” Thousands of businessmen donated food and warm clothes because the winter was freezing.” ASLUND, A. *Ukraine: How Ukraine became a Market Economy and Democracy*. Washington D.C: Peterson Institute for International Economics, 2009. p. 192.

<sup>47</sup> Organization for Security and Co-operation in Europe. Vide o site oficial em <https://www.osce.org/>.

to be legitimate, state authority must be based on the **will of the people** clearly has a close link with the concept that **a people has the right freely to determine its political status**. grifo nosso

Protestos foram surgindo. A cor laranja se alastrava pelo meio urbano e rural. Evidentemente isso ocorreria com maior intensidade na capital. Ruas e praças de Kiev foram tomadas pela multidão trajada de acessórios de inverno (ASLUND, 2009, p. 192). O intuito não era se rebelar contra a crescente tributação ou os privilégios da aristocracia como aconteceu nas menções de David Raic. Tampouco utilizou-se de armas. O que houve foi a exigência do povo por eleições justas e transparentes. Tornava-se responsável por solucionar o impasse a Suprema Corte Ucraniana, e após seu exame, entendeu-se pela repetição do segundo turno. Não obstante o novo resultado continuar exibindo a divisão ideológica, este apontou para a vitória de Yushenko.

In 2004–2005 Ukraine’s ‘Orange Coalition’ and Yushchenko’s government briefly neutralized ‘old-regime’ neo-soviet Russophile politicians (...) Yushchenko in December 2004 clearly made relations with the EU Ukraine’s priority in foreign affairs and signaled his government clearly wanted the country to enter the global economy as an EU member-state (...) in the long run EU membership would not only benefit Ukraine economically more than would **satellite status to Russia as a CIS member**, but would also mean regional stability<sup>48</sup>. (VELYCHENKO, 2007, p. 17) grifo nosso

---

<sup>48</sup> Estabilidade regional neste sentido para as lentes ocidentais, já que o entendimento da Federação Russa é justamente o contrário. Vale destacar o discurso do embaixador de Cuba na Sessão Extraordinária mencionando a estabilidade regional. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=T1-LxQ9TVpw>, especificamente nas 2:08:52.

Destaquemos a classificação acerca do status satélite dado à Ucrânia pré-2004 nessa última citação. É comum nos livros de *jus gentium* a descrição de espécies estatais contaminadas por algum grau de subordinação<sup>49</sup>. De certa maneira, ela nos remete a uma impressão de colonialismo, e isso é o que se repele em movimentos vocacionados pela autodeterminação de um povo.

O livro propedêutico de Jackson e Sorensen (2018, p. 331) não traz a teórica pós-colonialista com exemplos dentro do próprio Velho Mundo, todavia é perfeitamente cabível sua aplicação para o caso entre Ucrânia e Rússia. Lhe sustenta diversas fontes de estudo acerca da Europa Oriental. A Ucrânia esteve adjetivada como “*Pequena Rússia*” por um longo período. Manifestações contemporâneas continuam refletindo o viés suserano. Basta conferir o que está consignado na Revista da Embaixada da Federação Russa no Brasil (2014, p. 35).

Mas o que a Rússia não poderia tolerar em hipótese alguma era o desejo dos EUA de tomar o seu lugar na Ucrânia. E a questão não estava apenas no temor de a Ucrânia se tornar membro da Otan, cujas tropas, nesse caso, ficariam às portas da fronteira sudoeste da Rússia. A questão estava (e está) na **profunda crença psicológica** de que **a Ucrânia é “nossa”** e que **os ucranianos são ‘nossos’** grifo nosso

Quase uma década após a revolução laranja, outro evento de forte engajamento popular agitaria o país. Com enredo e elenco muito próximos, mas num desfecho trágico para sua integridade territorial<sup>50</sup>.

## **b) BREVE BALANÇO DO GOVERNO LARANJA**

Apesar da gestão Yushenko (2005-2010) ser marcada pela estagnação legislativa e findar com baixa popularidade, avanços foram vistos na persecução de uma Ucrânia europeísta. Já em 21 de fevereiro de 2005

---

<sup>49</sup> Vassalos, satélites, clientes, protetorados etc. Vide MAZZUOLI, V.O. Curso de Direito Internacional Público. 9ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015. p. 521-528.

<sup>50</sup> A anexação da Crimeia enquanto punição do vizinho.

inaugurou-se um plano de ação (Aslund, 2009, p. 204) para fins estratégicos entre o país e a União Europeia<sup>51</sup>. Fora previsto que o Estado ucraniano entraria assim que possível no Mercado Comum ao atravessar a catraca para a Organização Mundial do Comércio. A condição é cumprida em 16 de maio de 2008. Na região, a GUAM tornou-se organização internacional (Ortega, 2009, p. 35). Tendo 2/4 de seus membros vivido a experiência das Revoluções Coloridas, chamam atenção as disposições de sua Carta. Da mesma maneira que Ortega (2009, p. 36) reproduz a frase assertiva de adesão às normas e valores democráticos com rumo à integração europeia, insta a reprodução aqui de outro trecho assertivo com base numa das hipóteses desta pesquisa.

Emphasizing the increasing role of regional cooperation based on mutual respect of sovereign rights of states in the **pan-European processes**, and underlining that such cooperation promotes the development of democracy with the purpose of strengthening security and stability, economic development, cultural and social prosperity, grifo nosso

Considerando o movimento expressivo<sup>52</sup> de Estados eslavos adentrando na União Europeia em 2004, e sendo celebrado o documento da GUAM pelo Azerbaijão, Geórgia, Moldávia e Ucrânia, a busca por integrar-se ao ocidente cumulada com o desejo de não permanecer sob a influência de Moscou não é singularidade do país bicolor.

### c) A ASCENSÃO DE YANUKOVICH E A *EUROMAIDAN*

Vindo o pleito eleitoral de 2010, o pró-russo Yanukovich derrota Yulia Tymoshenko, rompendo assim o ciclo governamental laranja. Nota-se um certo cuidado do líder do partido das regiões nos primeiros exercícios. Como o próprio desempenhou por um período a função de primeiro-ministro na gestão Yushenko, sabia que não poderia de

---

<sup>51</sup> No final do mesmo ano houve seu reconhecimento pela organização como um país optante da economia de mercado. Vide VELICHENKO, *op. cit.*, p. 128; ASLUND, *op. cit.*, p. 225.

<sup>52</sup> “This was the largest single enlargement in terms of people, and number of countries.” Disponível em: [https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/enlargement-policy/6-27-members\\_en](https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/enlargement-policy/6-27-members_en).

pronto mudar o itinerário para a zona eurásiana, já que uma gama de esforços foi empregada rumo ao oeste pelo seu antecessor.

À medida que União Europeia e Ucrânia aproximavam-se, Yanukovich<sup>53</sup> buscou não deixar de ouvir e agradar seu homólogo do Kremlin. Na véspera de mais um importante passo a ser dado pela Ucrânia em direção ao Mercado Comum, o então presidente decide suspender as negociações para a assinatura do Acordo de Associação. Esse foi o estopim para uma iminente ebulição social.

The Euromaidan movement started in the evening of 21 November, the day when the government of Ukraine declared a decision to postpone the process of signing the long-negotiated Association Agreement with the EU, a week before the Eastern Partnership summit in Vilnius. By midnight, around 1,500 persons were reported to demonstrate their discontent with the government's decision on the Maidan Nezalezhnosti of Kyiv. Information about the event was spread predominantly through social networking sites. Most importantly, about 150 people remained in the street till the morning. The continuity of the protest was established and the movement itself developed and evolved over the next months (BACHMANN; LYUBASHENKO, p. 65.)

Ao contrário da Revolução Laranja, a *Euromaidan* se deu num contexto não eleitoral e teve maior participação daqueles desinteressados em agremiações partidárias. Ademais, essa ocorreu sob as hostilidades da Beirut<sup>54</sup>, motivando manifestantes a adotar uma postura de embate. Lyubashenko (2014, p. 66-76) sistematiza três fases da insurgência: I) Introdução (21 a 30 de novembro de 2013); II) Alastramento (1 de dezembro de 2013 a 21 de janeiro de 2014) e III) Confronto violento (22 de janeiro de 2014 a 21 de fevereiro de 2014).

---

<sup>53</sup> “From the Russian perspective, the election of Yanukovich in February 2010 was an opportunity to draw Ukraine into the Russia-led Eurasian Customs Union that was being launched at the time. As mentioned, Yanukovich was in many ways the most pro-Russian President since Ukraine's independence, with proven loyalty (Kuzio, 2012).” DRAGNEVA, R.; WOLCZUK, K, *op. cit.*, p. 66.

<sup>54</sup> “Ukrainian secret police” Vide WOOD *et al* (2015, p. 139).

As semelhanças também não podem ser preteridas. Os atores e o enredo de 2004 e 2013-2014 têm forte conexão. Yanukovich foi justamente o causador de ambas rebeliões. No episódio laranja esteve contaminado pelo precedente de fraude eleitoral<sup>55</sup>. No segundo, criou óbice para a materialização de um sonho ucraniano, que teria impulsionado a vitória de Yushenko em 2004.

While Ukraine sought to avoid post-Soviet integration with Russia at the helm, except when required to manage pivotal interdependencies, the opposite was true when it came to the EU. Indeed, despite the EU'S ambivalence, Kiev's aspirations did not lack ambition: open-ended, progressive, comprehensive integration up to an including membership of the EU. Ukraine sought to create complex and systemic interdependencies through persist demands for integration. On this basis, there is no evidence to argue that the EU forced a choice on Ukraine. (DRAGNEVA; WOLCZUK, 2015, p. 30).

As autoras do excerto acima apontam três motivos chaves que guiam a vontade ucraniana em fazer parte da UE: segurança<sup>56</sup>, identidade nacional e modernização. O segundo motivo faz jus aos holofotes. Na primeira vista o leitor pode raciocinar que identidade nacional é algo suavizado quando se tem um modelo de soberania compartilhada<sup>57</sup>. Kraus (2008, p. 181) confirma que a união carrega consigo tal efeito, só que se

---

<sup>55</sup> "...if individuals have an opportunity to participate in a fair political process—where all members are given an equal chance to take part as well as to present their views and persuade others to join them—they can be said to enjoy self-rule (...) when given a fair opportunity to participate in the political process that structures their lives, individuals can be said to enjoy self-rule, irrespective of the results of this process". TAMIR, Y. *Liberal Nationalism*. Princeton: Princeton University Press, 1993. p. 70.

<sup>56</sup> Aproveitável a fala de ex-Ministro da Fazenda em sabatina com o historiador Marcos Antonio Villa. Entre os 14:18 e 18:13 aponta a versão dos países do leste em migrarem para a UE e OTAN pela própria vontade em se realizarem economicamente e obterem proteção. A ingenuidade dos que estão distante daquele cenário seria por desconhecerem na carne o *modus operandi* do expansionismo russo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=294860BYbcI>.

<sup>57</sup> O caso *Brexit* serve de refresco à memória. Disponível em: <https://www.ucl.ac.uk/ioe/news/2021/feb/brexit-driven-cultural-values-and-national-identity-more-social-class>.

abstendo do exercício de poder e respeitando a pluralidade em seu âmbito<sup>58</sup>. Ocorre que DRAGNEVA e WOLCZUK (2015, p. 31) remetem a indisposição russa em aceitar a independência da Ucrânia como fator crucial para essa asseverar uma estratégia de política externa projetada para o oeste. A premissa realista de uma história não progressiva parece proceder no elo entre os dois maiores países em extensão territorial da Europa. Quando os 14 pontos de Wilson foram apresentados em 8 de janeiro de 1918, o mesmo ideal que pairou sob a mente dos manifestantes de 2013 esteve entre aqueles da transição de 1917-1921<sup>59</sup>. O desejo em trilhar seu próprio caminho alvoroçou, mas a interrupção veio do mesmo sujeito. As invasões vermelhas (1918-1920)<sup>60</sup> com o consequente Tratado de Riga (1921)<sup>61</sup>, assim como a anexação da Crimeia (ALMEIDA, 2018, p. 114) e o ensaio de guerra nos *oblasts* de Donetsk e Luhansk que hoje se alastra por praticamente todo o território ucraniano tiveram a digital moscovita. Retaliações pelo exercício de sua autoafirmação. Aliás, assim sucedeu com o próprio destino da vanguarda romântica (MAGOCSI, 2010, p. 237) de Kiev em 1857, sancionada diretamente por Nicolau I. Ao expoente, restou-lhe a mais

---

<sup>58</sup> Pertinente a leitura do Artigo F do Tratado de Maastricht que assim dispõe: “The Union shall respect the national identities of its Member States, whose systems of government are founded on the principles of democracy.” Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/portal/en>.

<sup>59</sup> “The complete Faith in the democratic honesty of President Wilson and his colleagues in the Supreme Council had been the decisive reason for the rejection by the leaders of Western of Ukraine of the luring bid of alliance with the government of the Ukrainian Socialist Soviet Republic and the Russian Soviet Federation Republic (...) They believed in Wilson’s morals and distrusted Lenin’s morals.” (p. 166) STACHIW, M.; SZTENDERA, J. *Western Ukraine at the turning point of Europe’s History 1918-1923*.

<sup>60</sup> “...it was the Bolsheviks and not the Poles who presented the greater threat to the Ukrainian revolution. The ultimate imposition of a soviet regime upon Ukraine by the Bolsheviks was the result of their ruthlessness and dedication, their demagogic techniques, and their reliance upon compulsion” RESHETAR JR, *op. cit.*, p. 120.

<sup>61</sup> “On 21 May 1921, a peace treaty was signed in Riga between Poland and the RSFSR that buried any last hopes of support for the Ukrainian People’s Republic.” DORNIK et al, *Op cit.*, p. 122.

brutal das penas: A proibição de esboçar esperança para a libertação de seu povo<sup>62</sup>.

## CONCLUSÃO

Retornando ao lirismo pan-eslavo, insta mencionar a metáfora que Havlíček empregou ao se referir à Ucrânia. Bebendo das narrativas helênicas, lhe estampou de pomo da discórdia entre Polônia e Rússia. Considerando a Polônia atualmente como pertencente a um corpo maior (EU), é factível o alargamento de tal figura de linguagem no exame do que Merry (2015, p. 27) diz em que tanto o bloco ocidental como a Federação Russa compartilham responsabilidade pela crise que assola à Ucrânia desde 2014, todavia, partiu do Kremlin a decisão em militarizar a contenda.

“The Ukraine is the apple of discord which fate threw between these two nations (...) Poles and the Russians buried the national spirit of the Ukraine and began to divide the great body, and, as generally happens in such cases, they began to fight and have not yet ceased” (BOROVSKÝ, *op. cit.* p. 7; KOHN, *op. cit.* p. 157-158).

De todo modo, o projeto europeísta é o que demonstra respeito à identidade ucraniana<sup>63</sup>. Ao contrário do jogo de soma zero de Moscou, Dragneva e Wolczuk (2015, p. 30) atestam que não há evidência de que a UE tivesse forçado uma escolha na Ucrânia. Daí vem a resposta do problema levantado nesta pesquisa. A maneira como as Revoluções Laranja e *Euromaidan* abrem margem à múltipla leitura pan-eslava é ostentando uma combinação de autoafirmação nacional com o desejo de continuar ao lado

---

<sup>62</sup> “But the severest sentence was reserved for Shevchenko, whom the tsar and his officials regarded as the most dangerous member of the group (...) Nicholas I himself added the following note to the sentence: ‘under the strictest supervision, **forbidden to write and sketch**’”, grifo nosso, *ibid.*, p. 237.

<sup>63</sup> Novamente o Artigo F do Tratado de Maastricht: “The Union shall respect the national identities of its Member States, whose systems of government are founded on the principles of democracy.” Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/portal/en>.

dos irmãos eslavos a fim de materializar uma Europa Una. Fim este em mútua colaboração com a prole de outras famílias bárbaras (germanos, escandinavos, mongóis, turcos, mouros, árabes etc)<sup>64</sup>. Daí provém o porquê deste autor ter indagado no capítulo “Rastros nacionais e a denúncia de Applebaum” se os românticos da *Brotherhood of Saints Cyril and Methodius* estariam advogando pela federação kantiana. O rumo da União Europeia para o estágio de uma comunidade política pode não alcançar tal ideal, mas é a organização menos distante dele.

Logo, a implicação do caso ucraniano é a desconstituição do pan-eslavismo como mera ferramenta de política externa russa. Ademais, se o efeito asfixiante do expansionismo russo sobre os vizinhos não for o principal motivo da migração destes países eslavos às estruturas da UE e OTAN, ao menos lhe dá um impulso razoável<sup>65</sup>. Útil conferir na imprensa o desespero de Finlândia e Suécia para entrada na OTAN diante das intimidações russas.

Em suma, a afirmação nacional da Ucrânia para um pan-eslavismo não-russo tem se evidenciado até para aqueles que não possuem um profundo contato com o tema. Nutrem isso a resistência à invasão de 24 de fevereiro deste ano, e a submissão extraordinária de sua candidatura para tornar-se membro efetivo da UE. É válido reproduzir a declaração do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, quando a agressão das forças russas ao país completava uma semana (CNN, 2022).

They have no idea what they [are] doing. They don't know our streets. They don't know this people. They don't understand our philosophy. Our mentality, our aspirations, what kind of people here they have, they know nothing.

---

<sup>64</sup> Discriminadas em GUERRAS (1991, p. 7).

<sup>65</sup> Além dos signatários do Tratado de Atenas, tem-se a Croácia em 2013. Vide a linha interativa em [https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/croatia\\_en](https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/croatia_en).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.C.F. **Todas as Rússias**: O ideário motivador das invasões militares da Geórgia e da Ucrânia. 2018. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília. Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/>. Acesso em: 4 fev. 2022.

APPLEBAUM, Anne. **Red Famine**: Stalin's War on Ukraine. [S.]: Penguin Random House uk, 2017.

ASLUND, Anders. **Ukraine**: How Ukraine became a Market Economy and Democracy. Washington D.C: Peterson Institute for International Economics, 2009.

BACHMANN, Klaus.; LYUBASHENKO, Igor. **The Maidan Uprising, Separatism and Foreign Intervention**. [S.]: Peter Lang Edition, 2014.

BAKUNIN, M. **Appeal to The Slavs**. [S.]: The Anarchist Library, 1848.

BAKUNIN, M. **Speech on the 17<sup>th</sup> anniversary of the Polish Revolution**. [S.]: The Anarchist Library, 1847.

BILENKY, Serhiy. **Romantic Nationalism in Eastern Europe**: Russian, Polish and Ukrainian Political Imaginations. Palo Alto: Stanford University Press, 2012.

BLINNIKOV, Mikhail. S. **A Geography of Russia and Its Neighbors**. New York: The Guildford Press, 2021.

BOROVSKÝ, K. H. **The Slav and the Czech**. [S.]: Central European University Press, 1846.

**BREXIT driven by cultural values and national identity more than social class**. University College London, London, 16 fev.2021. Disponível

em: <https://www.ucl.ac.uk/ioe/news/2021/feb/brexit-driven-cultural-values-and-national-identity-more-social-class>. Acesso em: 20 abr. 2022.

**CRIMEIA:** Cultura, história e natureza. Brasília: Embaixada da Federação Russa no Brasil, 2014. Disponível em: [https://brazil.mid.ru/web/brasil\\_pt/revistas-da-embaixada](https://brazil.mid.ru/web/brasil_pt/revistas-da-embaixada).

CYZEVSKYJ, Dmytro. **A History of Ukrainian Literature**. 2 ed. Englewood: Ukrainian Academic Press, 1997.

DORNIK, Wolfram. *et al.* **The Emergence of Ukraine: self-determination, occupation, and war in Ukraine, 1917 – 1922**. Toronto: Canadian Institute of Ukrainian Studies Press, 2015.

DRAGNEVA, Rilka.; WOLCZUK, Kataryna. **Ukraine Between the EU and Russia: The Integration Challenge**. New York/London: Palgrave Macmillan, 2015.

**EUROPEAN NEIGHBOURHOOD POLICY AND ENLARGEMENT NEGOTIATIONS**. Disponível em: [https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/croatia\\_en](https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/croatia_en).

**FROM 6 TO 27 MEMBERS**. Disponível em: [https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/enlargement-policy/6-27-members\\_en](https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/enlargement-policy/6-27-members_en).

GOUJON, Alexandra. **L'Ukraine de l'indépendance à la guerre**. [S.I]: Le Cavalier Bleu Editions, 2021.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **Os Povos Bárbaros**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1991.

GUINSBURG, Jacob. *et al.* **O Romantismo**. 4ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

JACKSON, Robert.; SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais: Teorias e abordagens**. Tradução de B. Duarte e C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2018. Especialmente o trecho sobre o realismo (Parte I) e política externa (Parte IV).

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de L. A. C. Anselmi e F. Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009.

KANT, Immanuel. **Ensaio Sobre a Paz Perpétua**. Tradução de Bárbara Kristensen. Rianxo: Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz, 2006.

KISSINGER, Henry. A. **Diplomacia**. Tradução de S. G. Gefter e A. M. F. Perpétuo. São Paulo: Saraiva, 2012.

KOHN, Hans. **Nationalism: its meaning and history**. Florida: Robert E. Krieger Publishing Company, 1965.

KOHN, Hans. **Pan-slavism: its history and ideology**. New York: Vintage Books, 1960.

KOSTYA, Sándor A. **Pan-Slavism**. [S.I.]: Danubian Press, 1981.

KRAUS, Peter A. **A Union of Diversity: Language, Identity and Polity-Building in Europe**. Cambridge: Cambridge Univeristy Press, 2008.

LAFER, Celso. **Comércio, desarmamento e direito humanos**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LAZZARI, T.C. “A política externa russa do início do século XXI: tendências e perspectivas”. **Revista Conjuntura Austral**, v. 2, n. 3-4, dez. 2010. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/issue/view/4521>.

Acesso em: 22 fev. 2022.

MAGOCSI, Paul Robert. **A History of Ukraine: The Land and Its Peoples**. 2ed. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

MAZZUOLI, Valério Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 9ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

**MEMORANDO DE BUDAPESTE**, 5 de dezembro de 1994. Disponível em:  
<https://treaties.un.org/Pages/showDetails.aspx?objid=0800000280401fb>  
[b](#).

**O INTERESSE DE PUTIN É DESTRUIR O SISTEMA INTERNACIONAL CRIADO APÓS O FINAL DA GUERRA FRIA**. Marco Antonio Villa. Sem data. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=294860BYbcI>.

**ORANGE REVOLUTION**. Direção Steve York. Produção Peter Ackerman; Miriam A. Zimmerman; Steve York. [S.I.], 2010. 1 vídeo (92min). Disponível em:<https://www.nonviolent-conflict.org/orange-revolution-english/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

**ORGANIZATION FOR SECURITY AND CO-OPERATION IN EUROPE**. Disponível em: <https://www.osce.org/>.

ORTEGA, F. A. **Cores da mudança?** As revoluções coloridas e seus reflexos em política externa. 2009. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/>. Acesso em: 8 fev. 2022.

POTY, I. B. “A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: Uma análise geopolítica (1991-2013)”. **Revista Conjuntura Austral**, v. 10, n. 52, out./dez. 2019.

RADA. 1991. **Declaration of Independence of Ukraine**. Disponível em: [http://static.rada.gov.ua/site/postanova\\_eng/Rres\\_Declaration\\_Independence\\_rev12.htm](http://static.rada.gov.ua/site/postanova_eng/Rres_Declaration_Independence_rev12.htm). Acesso em: 5 fev. 2022.

RAIC, David. **Statehood and the Law of Self-Determination**. The Hague: Kluwer Law International, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RESHETAR JR. J. S. “The Ukrainian Revolution in Retrospect”. **Canadian Slavonic Papers**, v. 10, n. 2, --. 1968.

**RUSSIA warns of ‘Consequences’ if Finland, Sweden Join Nato**. The Moscow Times, Moscow 15. Apr, 2022. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2022/04/15/russia-warns-of-consequences-if-finland-sweden-join-nato-a77370>. Acesso em 11 mai. 2022.

SHEVESCHENKO, T. **The Heretic**. [S.]: Storinka, 1845.

SUBTELNY, Orest. **Ukraine: A History**. 4<sup>th</sup>. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

TAMIR, Yael. **Liberal Nationalism**. Princeton: Princeton University Press, 1993.

**TREATY OF ACCESSION OF THE CZECH REPUBLIC, ESTONIA, CYPRUS, LATVIA, LITHUANIA, HUNGARY, MALTA, POLAND, SLOVENIA AND SLOVAKIA**, 16<sup>th</sup> of April de 2003. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/homepage.html?locale=en>.

UCRÂNIA. [Carta (2006)]. **Carta da GUAM**. Kiev: Organization for Democracy and Economic Development, 2006. Disponível em: <https://guam-organization.org/en/>.

**UKRAINE:** GENERAL ASSEMBLY EMERGENCY SPECIAL SESSION – 3<sup>rd</sup> SESSION | UNITED NATIONS (01 MARCH 2022). United Nations. New York: UN Web TV, 1 de março de 2022. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=N-MYekTKGkQ>.

**UKRAINE wants to join the EU. Here’s how that would work.** National Public Radio, Washington 28. Fev, 2022. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/02/28/1083528087/ukraine-european-union>. Acesso em: 11. mai. 2022.

VELYCHENKO, Stephen. **Ukraine, the EU and Russia:** History, Culture and International Relations. Miami: Palgrave Macmillan, 2007.

WILSON, Andrew. **Ukraine crisis:** What it means for the West? London: Yale University Press, 2014.

WOOD, Elizabeth A.; POMERANZ, William E.; MERRY, E. Wayne.; TRUDOLYUBOV, Maxim. **Roots of Russia’s War in Ukraine.** Washington D.C: Woodrow Wilson Center Press; New York: Columbia University Press, 2015.

ZELENSKY, V. O. Volodymyr Olexandrovytch Zelensky: “**I’m not iconic. Ukraine is iconic!**”. [Entrevista cedida a] Matthew Chance. 01 mar. 2022. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2022/03/01/europe/volodymyr-zelensky-ukraine-cnn-interview-intl/index.html>. Acesso em: 2 mar. 2022.